

Accção Social

SEMANARIO CATHOLICO

(COM APPROVAÇÃO ECCLESIASTICA)

Redactor principal,

Padre Alexandrino José Leituga

Propriedade da

Empreza da "Accção Social"

Editor,

João Agostinho Landolt

Redac. e Administração—Rua de S. Francisco, 50

ASSIGNATURAS:

Anno	1\$200	— pelo correio	1\$370
Semestre	600	—	670
Brazil e Africa, anno			2\$000
Numero avulso		40 reis	

ANNUNCIOS:

Secção d'annuncios, por linha — corpo 12	60
Repetição, por linha	50
Comunicados, por linha	60
Annuncios permanentes, contracto especial	
Desconto nos srs. assignantes de 25 %	

Comp. e impr. na Typographia Landolt—Barcellos.

UNIÃO E DISCIPLINA

Ficou na Historia a phrase de D. Carlos, quando affirmou que era Rei d'uma monarchia sem monarchicos.

Assim o pareceu, em verdade os factos o demonstraram, principalmente nos ultimos annos do seu reinado. Imperava a cobiça do mando e o interesse individual sepultava os puros sentimentos de affecto aos principios, que era myster respectar. Confiança absoluta, não a podia ter, até mesmo em muitos dos auctores, que mais se lhe approximavam.

Assim se foi caminhando, até o dia 5 de outubro, em que apenas a espada de Paiva Couceiro foi entregue ao joven Rei D. Manoel II, quando, cheio de valor, embarcava na praia da Ericeira, na supposição de que se vinha pôr á frente das tropas fiéis, na cidade do Porto.

Appareceu, depois d'isso, uma Republica, que de si deu deploraveis provas, da qual se pôde com justiça dizer que era uma Republica sem republicanos.

Os poucos que existiam, do tempo da propaganda, que se arrastava morosa e lenta, os poucos que existiam, honestos e intencionados, retiraram-se da arêna da vida politica, envergonhados do triste papel que a sua fada, que em sonhos phantasiaram, representava na sociedade.

E o que ficou? E o que se viu?

Ficaram os sem vergonha, entraram os energúmenos, que levariam Portugal á véla, enterrando no seu coração cheio de bondade e de belissimas tradições settas envenenadas na piscina do ólio e da perseguição mais audaz.

Tantos erros e tantos desvarios accendêram no peito do brioso exercito portuguez, a flamma incandescente do amor da Patria e, n'um gesto heroico, arvorou o pendão glorioso das Quinas, com as chagas de Christo no frontespicio dos quartéis, no cimo das cathedraes e nos edificios das Associações.

Recebeu por isso as benções agradecidas dos opprimidos e as saudações frementes dos bons e leaes portuguezes.

Em volta do seu heroismo e abraçados a bandeira azul e branca, o momento é de união de todos os conservadores união firme, inergica e valorosa.

O paiz é essencialmente catholico. Será tambem um paiz catholico, sem catholicos praticantes, antes com catholicos indisciplinados?

A união é precisa, é indispensavel,

na hora presente, para que haja ordem e triumphe a justiça.

Mas, não esqueçam os catholicos que os programmas dos seus Centros vivem com todos os regimens e tem de exercer a sua accção salutar e moralisadora, atravez todas as vicissitudes e em todas as circumstancias.

E' com elle que se atacam de frente os que, com mira apêns em rasteiras ambições ou em penachos auriluzentes, enervam os committimentos valorosos dos que trabalham desinteressadamente pela felicidade da Patria.

E' precisa a disciplina nas hostes dos catholicos, que entranhadamente sabem amar a sua Patria, para que a Monarchia seja, e mo deve ser, uma Monarchia Nova, purificada dos erros da monarchia velha, que é preciso esquecer e remediar.

E' precisa a disciplina para que nos não sejam negadas as reivindicações justissimas, que houvermos de fazer.

E' precisa a disciplina, para que seja expungida da legislação portugueza a affronta do Beneficito e não tenham peias os Prelados nos provimentos dos beneficios ecclesiasticos que, com a legislação de 1862, nem sempre podiam recahir nos mais dignos.

E' precisa a disciplina, para ser um ponto de apoio para uma Concordata honrosa.

E' precisa a disciplina, para, n'uma união forte, intemeratamente forte, saudarmos nas sombras do drapejar da bandeira azul e branca, as prosperidades da Patria e o seu ressurgimento efficaç.

EXEQUIAS

No ultimo sabbado, data em que passára o 11.º anniversario do regicidio, a digna Commissão Administrativa do Municipio de Barcellos, mandou celebrar uma missa, seguida de Libera-Mé, na Igreja Matriz, em suffragio da alma dos Senhores D. Carlos I e Principe D. Luiz Philippe. Tocou no côro uma orchestra dirigida pelo distincto regente da Banda dos Bombeiros, sr. Manoel Antonio da Silva, que agradou immenso.

Ao centro do formoso templo, estava erguida uma tarima, rodeada de tocheiros.

A'quelles actos religiosos, em suffragio das victimas do attentado do Terreiro do Paço, assistiram representantes das auctoridades civis e

ALVARÁ' HONROSO

Transcrevemos, com viva satisfação, este Alvará da Junta Governativa que mandou entregar á Commissão Executiva da Camara eleita em 1917, a administração do Municipio de Barcellos:

A Junta Governativa do Reino, em nome d'El-Rei, attendendo a que o Municipio Barcellense soube manter as suas honrosas tradições de fidelidade e dedicação á dynastia da Serenissima Casa de Bragança, com solar e sede do seu primeiro condado na muito antiga e nobre villa de Barcellos; attendendo a que soube sempre affirmar altivamente a sua fé e sentimentos monarchicos, designadamente em 1913, nas primeiras eleições administrativas, sob o regimen republicano, contra todas as violencias do poder, assim como novamente nas eleições de 1917, elegendo e reelendo vereações monarchicas, á despeito das ameaças e prepotencias demagogicas:—determina que seja mantida na administração do Municipio de Barcellos a Commissão Executiva escolhida pela Camara eleita em 1917, na sua sessão de 2 de Janeiro de 1918, e constituída pela forma seguinte:

Bacharel José Julio Vieira Ramos, presidente; Luiz Maria da Costa de Almeida Ferraz, vice-presidente; Aurelio Ramos, Humberto Carmona Coelho Gonçalves, João Carlos Coelho da Cruz, José Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro, Joaquim José de Araujo, Manoel Pereira da Quinta e Sebastião Pereira de Brito. Porto e Paços da Junta Governativa do Reino, 29 de Janeiro de 1919.

O Ministro do Reino,

Antonio Solari e Allegro.»

Folgamos em ver solemnemente proclamada justiça aos trabalhos patrioticos dos monarchicos barcellenses, que affrontaram todas as iras e todos os perigos, para affirmarem a convicção do seu ideal e a alteza dos seus intuitos. Folgamos immensamente com isso.

Que, de resto, para a Commissão Executiva tomar assento nas cadeiras municipaes, não eram precisas as conquistas da monarchia, nem o honroso Alvará. O apoio governamental, no anno findo, foi com justiça buscado onde existia a grande força eleitoral concelhia. E quem apresentou, em julho, a lista da Commissão Administrativa deposta, podia ter apresentado a lista da Commissão Executiva eleita. Se agora folgamos com o honroso Alvará, tambem então louvavamos a entrada da Commissão Executiva eleita. Sempre assim pensamos.

A CADEIA

Mais uma vez se evadiram da Cadeia d'esta villa, na noite de 4.ª para 5.ª feira, bastantes prezos. E já são muitas as vezes que isto acontece, sem que se haja providenciado efficaçmente, contra estas repetidas evasões. E não pôde continuar este estado de coisas.

E' necessario que algum providencie no sentido de evitar-se tamanhos inconvenientes. Pelo menos, um guarda permanente á Cadeia, é indispensavel.

Querem cartões de visita?

Typ. Landolt—Barcellos.

